

ENTREVISTA DONA DOLORES DE PAULA PESSOA FEITOSA (FALA SOBRE O PROCESSO DE DESERTIFICAÇÃO EM TAUÁ)

CLÁUDIO RIBEIRO E DEMITRI TÚLIO - TEXTOS

O POVO - Como a desertificação acontece aqui em Tauá?

Dolores Feitosa - A dificuldade é de botar apenas Tauá em foco. Porque é uma coisa mundial. Por ser mundial, a gente às vezes até deixa de focar o que está mais próximo. A gente vê isso aqui, como todo esse bioma, principalmente o bioma caatinga, com uma certa semelhança em várias regiões. Aqui, além de uma situação climática, é muito de origem social. A população mais pobre, e aqui não temos grandes produtores, mas quando muito médios e pequenos, ela não dispõe de situação econômica para modificar um pouco isso, também ao lado de conhecimento técnico. E conhecimento técnico acho que é até mais fácil de transmitir. Eles não plantam em grandes terras. Primeiro, nosso solo não é um que se preste para grandes culturas. São apenas manchas de solo agricultáveis. Não se propõe a isso, não oferece condições nem atrai o grande investidor, felizmente. Senão já tinha acabado. Grande parte dessa desertificação é uma coisa mais de origem econômica e social. Vocês passaram na região de Boa Viagem para cá. Aquele lado direito de quem vem (ao lado da BR-020), já teve gente dizendo que aquilo é deserto. Eu até acho que a impressão seja isso, mas esquecem a possibilidade de renovação de vida que tem a natureza e especialmente o bioma caatinga.

OP - São desertos reversíveis.

Dolores Feitosa - É, tanto que quando chove, de uma semana a dez dias o quadro é totalmente diferente. Aquilo em grande parte foi ocasionada, talvez até fosse uma intenção boa, pela utilização de tratores do projeto São José. Toda máquina, em qualquer agricultura, a gente tem a idéia do melhoramento, do progresso. Mas a gente se esquece se o trator é apropriado. Os nossos solos são pequenos, rasos. Acho que não houve preparação para que fossem usadas apenas as pequenas manchas que falei. A gente tem idéia que tudo que vem de um centro maior é sinal de progresso. No Brasil, maquinárias imensas, mas acabando com o cerrado, acabando. Só que não vão focalizar isso. Focalizam o que aquilo vai produzir. É a maneira de seduzir a todos, a nossa consciência pública. "Como é que a gente pode empatar o progresso?". Eu acompanhei bem porque meu marido, Joaquim de Castro Feitosa, agrônomo, ambientalista, foi uma pessoa que viveu isso até 15 dias antes da morte, estava debatendo em audiências públicas. Com isso a gente foi formado naquilo. A gente conversava muito. Ele tentou várias vezes dar cursos para tratoristas, mas por mais estranho que possa parecer, para nossos solos os tratoristas tinham que ser especializados. Além de um tratorista comum. Mas havia até pessoas que só sabiam dirigir uma moto e já eram contratados.

OP - Mas a senhora diz que esse foi só um dos motivos...

Dolores Feitosa - Foi. O clima estava favorecendo, a falta de chuva... O desmatamento desordenado, aqui tá ocorrendo mais, mas creio que antigamente só havia na época do algodão, porque era uma cultura comercial que compensava fazer certos investimentos. Mas depois que o algodão caiu e houve essa busca de alternativa para o agricultor ter uma renda melhor, o que aparecia era o aumento da produtividade. Mas só se aumenta se melhorar o solo. Não é arrastando, passando a grade, desfazendo e destruindo aquela camada, desequilibrando. O solo tem uma estrutura, mexe aqui e repercute ali. Vinha a

erosão e arrastava. Nosso solo é durinho danado. É uma das defesas da natureza. Ela se defende melhor do que nós. Com isso, quebrou essa ordem e tivemos isso. Mas acredito que ainda possa ser recuperado.

OP - A gente viu no pé da serra do Quinamuiú um loteamento que já pelou aquela área.

Dolores Feitosa - Já. Ali foi uma guerra (risos). Mas houve a história do tal do progresso e da renda. Não o pequeno produtor. Isso é reflexo do grande movimento imobiliário que tem ao redor das grandes cidades. Isso ocasionou inclusive uma certa polêmica com a Fundação Bernardo Feitosa, a qual estou como presidente. Nós lutamos muito por isso. Porque até uma mina lá em cima era explorada, de ametista, a despeito da proibição do DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral). Tenho pena porque as coisas quase sempre ocorrem um pouco tardias. Hoje lá foi criada por lei uma APA (Área de Proteção Ambiental). A serra do Quinamuiú e seu sopé, 100 metros além.

OP - Legalmente o empreendimento pode existir, então?

Dolores Feitosa - Uma parte. Uma parte já foi proibida. Outra coisa que não foi levada em consideração ao cederem a licença é o declive. Porque não é só a declividade. Depois de um certo ponto ela se torna área de preservação por sua própria essência. Nisso, o Quinamuiú está no caminho de ser resolvido. Inclusive já vamos chamar os proprietários. Ali não tem nada, não tem vegetação, está tudo pelado. E eles queimaram. Eles achavam que o motivo era que o Feitosa pediu para ser cremado e as cinzas jogadas lá. Nós defendemos como preservação. Hoje é um tipo de monumento natural integrado. Não é mais nem preservar, é recuperar ou restaurar, porque já está nesse ponto.

OP - Mas a prefeitura de Tauá está atuando em outras áreas?

Dolores Feitosa - Em tipo de APA, não. Mas de um modo geral...

OP - Em educação ambiental?

Dolores Feitosa - Ah, temos. Na zona de Santo Antônio (de Carrapateiras), a mesma zona que foi altamente danificada pela presença de um trato inadequado no solo, é onde a educação ambiental teve mais força. Talvez porque saiba do que estão passando. Estão vendo mais perto, estão sentindo. Tem que sensibilizar. Há uns quatro ou cinco anos, numa reunião quando o ministro Gilberto Gil (da Cultura) veio aqui, ele falou que seria criado o Instituto do Semi-Árido. Imediatamente a gente ficou preocupado de tentar trazer isso pra Tauá. Foi uma luta, foi muito bom, a gente estudou muito, fez muita ligação, veio representante da Unesco aqui para examinar se tínhamos condição. Inclusive ficou animado e satisfeito com o espírito do povo. Acho que é porque vivemos numa região sofrida, de dificuldade, e não é qualquer dificuldade que vai barrar nosso caminho. Mas, por infelicidade desses conchavos políticos, o Instituto do Semi-Árido foi para Campina Grande (PB), que não é do semi-árido, já tem três universidades e fugia da idéia de inclusão. Ficou parada, sem ser feito nada, ao ponto do senador Ney Suassuna falar isso no Senado. Mas porque o governador de lá estava querendo apoiar o governo federal. Se apoiar, pronto. Mas parece que está havendo uma modificação. Fiquei chateada porque logo coincidiu de vir essa notícia e três meses depois o Feitosa faleceu. De uma maneira foi bom porque a gente abriu muito os olhos para o problema e buscou soluções. Nisso, planejamos Unidades Restauradoras do Bioma Caatinga. Essas unidades cuidavam desde a preservação do ar, da água, solo, da fauna. A unidade está

planejada e apresentada ao governo federal. Quando o Lula veio ao Arneiroz, entreguei a ele novamente. Nessas unidades você criaria em vários locais, em tipos de solo e eu também penso em tipos de sociedade. Porque a gente só fala em "agricultura familiar" e esquecemos outros que não estão associados mas que precisam viver.

OP - Como é o projeto?

Dolores Feitosa - O Dnocs já tinha nos cedido uma área aqui, tínhamos outra em frente à prefeitura que vai até a margem do rio. Todo tipo de ecossistema ia ser beneficiado. Essa unidade ia estudar a restauração e propor para servir de modelo. Mas não deu certo, a gente ficou um pouco chateado. Mas teve o lado bom. Uma das coisas que me preocupa em termos de desmatamento é o distrito de Cococi, em Parambu, onde cederam 4 mil 500 e tantos hectares para um projeto de produção de carvão.

OP - Onde é essa área?

Dolores Feitosa - Fica a uns 23, 24 km. É uma propriedade grande. Foi cedida por particular. O proprietário vendeu 7 mil e poucos hectares.

OP - E vai ser uma carvoaria?

Dolores Feitosa - Já está sendo. Uma carvoaria de grande dimensão.

OP - E os órgãos ambientais?

Dolores Feitosa - A Semace andou, foi lá. Antigamente, antes dessa nova (gestão). Nós, sinceramente, discutimos mesmo que esteja segundo o plano de manejo... porque essas coisas não se resolvem. "Não, é porque a lei garante...", gente, mas tem que ter o bom senso. Parece que saem 8 mil sacos de carvão por semana.

OP - Oito mil?

Dolores Feitosa - O que você acha de tantos hectares para você desmanchar em carvão?

OP - Qual o nome da indústria?

Dolores Feitosa - A indústria, não sei. A fazenda chama-se Tabuleiro. Eles têm a licença para carvoaria, têm um plano de manejo. Esse pé de serra que vocês perguntaram antes (o loteamento próximo à serra do Quinamuiú, a gente foi lá com um rapaz do Ibama, quando chegamos lá ele disse "isso não poderia nunca, sendo dentro de APA, não poderia". E estava assinado pela Semace antiga. Antes desse novo governo. E eles compraram outra propriedade, que é uma RPPN (Reserva Particular de Patrimônio Natural).

OP - Mas essa pode se mexer?

Dolores Feitosa - Não poderia. É também no Cococi. Mas com um agravante. Nessa propriedade tem um olho d'água que, dizem, já faz mais de 200 anos ou mais, é desse tamanho (mostra com as mãos formando um círculo) que sai de água direto.

OP - E o trabalho em Tauá?

Dolores Feitosa - A pretensão da Supermata (Superintendência do Meio Ambiente de Tauá) é criar um plano de manejo sustentável de toda a sociedade e da natureza de Tauá. Ela tem três coordenadorias: uma de meio ambiente, uma de patrimônio e uma de turismo. O nosso patrimônio arqueológico é muito grande. Temos o bioma com todas as singularidades.

OP - Foi descoberto recentemente um sítio arqueológico?

Dolores Feitosa - Foi.

OP - Que poderia ter uma datação de 10 mil anos e que Tauá poderia ter tido uma densidade de vegetação?

Dolores Feitosa - É, 10 mil anos, densidade. Tinha que ter. Aqui também foram encontrados animais da megafauna pré-históricos (ossos de mastodonte, preguiça gigante, tatu gigante, toxodonte, em estudos da fundação Bernardo Feitosa). Uma preguiça dessas comia diariamente 300 quilos. Tinha que ter muita mata e tinha que beber muita água. Digo que os climatologistas poderiam estudar isso, como houve essa modificação tão grande, essa regressão.

OP - Quem está estudando esse material recém-encontrado?

Dolores Feitosa - Está sob custódia na Fundação Bernardo Feitosa. Foi examinado, classificado, estudado por uma equipe por quase um mês. Neste seminário que participei (havia chegado do Rio de Janeiro na noite anterior, onde participou de um congresso internacional sobre preservação do patrimônio material), fiz uma pergunta que ficou sem resposta. Historiei como está aqui de patrimônio arqueológico. Em Santo Antônio de Carrapateiras, está tudo lá, a céu aberto, o Iphan proíbe que nos encostemos nele.

OP - E o que há lá?

Dolores Feitosa - Inscrições rupestres. Há várias georeferenciadas. Tem muitas. Se tem esses testemunhos do que houve aqui, do que viveu aqui, a gente queria organizar isso. Perguntei lá, descrevi que Santo Antônio é uma província, porque não é só um sítio isolado. É muito grande. Isso requer um estudo. A Fundação já fez aqui em Tauá dois workshops de turismo científico. Num fomos analisar o potencial. O segundo já foi se fazendo uma perspectiva de utilização. Dificilmente temos solos que dêem uma produção agrícola suficiente para suportar ou para criar um mundo melhor para esse povo. Mas temos isso (registros arqueológicos), então usaríamos isso para o turismo científico. Então perguntei a presidente do Iphan, a presidente do Museu Nacional, e eles não me responderam. Só disseram que precisava de mais arqueólogos no Brasil e no Ceará. Eles riram, eu disse que eles sabem que o semi-árido tem pouca chuva, mas graças a isso, senão não existia mais. Se tivéssemos chuva torrencial, estaria levando pedras e tudo mais.

OP - Que material foi apontado neste último achado?

Dolores Feitosa - O material foi encontrado diretamente pela escavação das torres (para linhas de transmissão da Chesf). Eram pedras, restos de pontas de flecha, machados. Escavaram mais e encontraram louças. A arqueóloga já tem muitos trabalhos aqui porque inicialmente oferecemos um curso de agentes patrimoniais. De 120 horas/aula, dava noções de geologia, paleontologia, arqueologia e patrimônio. E essa foi uma das que vieram e aí ela resolveu escavar o chão. Com 30 a 40 centímetros ela achou os restos de cerâmica, de fogueira, tudo que possibilita datação. Por detalhes anotados, ela acha que seriam de 10 mil anos. A preguiça foi datada como sendo de 5 mil a 6 mil anos. Essa preguiça foi contemporânea dessa população indígena. Por quê? Primeiro o clima. Se favorecia a ela, tinha que favorecer à população humana. Eles eram apenas coletores e caçadores. Não tinham técnica de agricultura. Eles ocorreram ao mesmo tempo, eu acho, porque foi encontrada aqui uma ponta de flecha, lá perto do Cococi, uma ponta de flecha desse tamanho (maior que um palmo). Não iam fazer isso para

matar uma raposa. Era um animal grande. Realmente aqui foi povoado por esses animais da megafauna. E o estilo do que foi encontrado aqui é totalmente diferente lá da serra da Capivara, no Piauí. Nós pensávamos que esse nosso tipo de inscrição daqui, que é mais simbólica, porque não temos muitas figuras humanas nem de animais, que era uma coisa menos desenvolvida do que a da serra da Capivara. Lá em São Raimundo Nonato (PI) tem muitos animais, desenhos das caças. Pensávamos que a daqui era mais besta (risos). Os arqueólogos disseram que na daqui o homem passou a pensar. Já passou a fazer símbolos. Uma evolução. Você acredita que em Parambu já tem uma inscrição no mesmo estilo de São Raimundo Nonato? Não se sabe de quantos anos. Soube agora que as datações estão sendo corrigidas. As que foram feitas depois do lançamento da bomba atômica são sujeitas de correção. Hoje já estão corrigindo, que talvez possa ser muito mais antigo.

OP - Então confirma a falta de uma universidade de arqueologia e paleontologia?

Dolores Feitosa - Tiraram uma disciplina que tinha no curso de História.

OP - Nem no Cariri tem. Pelos registros de paleontologia de lá.

Dolores Feitosa - Deveria ter, pelo menos. Já digo até que se tivesse nas escolas uma disciplina de nível médio, sobre patrimônio, de paleontologia e arqueologia, para ir preservando e formando as pessoas. Dali muitos talvez se sentissem estimulados a seguir nos estudos. Outra coisa importante para estudos aqui é que a primavera no hemisfério sul, por conjunção dos astros, começa no dia 23 de setembro. Mas a caatinga é rebelde, indisciplinada. Riram muito no congresso quando eu disse isso. Só temos aqui em janeiro, quando vem a chuva e brota a planta, o animal entra no cio, daqui a pouco nascem os filhotes. O recrudescimento de vida. A primavera é isso, por todo canto é isso. A vida não rebenta, não se renova. Só em janeiro. Têm alguns que dão flor, a aroeira deu flor agora, mas não nasce. Disse para um bando de gente de fora. Do México, do Canadá, Estados Unidos, Eslováquia, França, Itália. Disse que tá aí para os cientistas estudarem. Será que isso não tem alguma coisa a dizer em relação às modificações climáticas que estamos sofrendo? Você sabe que 10 mil anos para geologia é suspiro.